

# Écos de Guimarães

XII Ano — Numero 481

ORGÃO MONARQUICO

2.ª Série — 6.º Ano — N.º 34

Redacção e Administração

EM GUIMARÃES

Rua Cravador Molarinho, 47

Director, proprietario e editor

JOÃO PEREIRA DA COSTA

Guimarães, 17 de Setembro de 1927

Composição e Impressão

Tipografia «LUSITANIA»

Perto do Tribunal

## O inquilinato

O Governo da Ditadura fez anunciar que ia encarar de frente este momentoso problema e procurar-lhe uma solução que assente em bases de equidade e de justiça.

Oxalá que não fique esta promessa por cumprir. A lei em vigor é odiosa e parcial e por isso, com justa razão, se reem levantado contra ela os mais justificados clamores.

Esta lei, que a-pesar-de não ter sido ditada pelos inquilinos, foi feita expressamente para os favorecer em detrimento da tam odiada classe dos senhorios e conquistar assim as simpatias daqueles que, nas grandes cidades, constituem o maior número, foi elaborada apenas para tirar efeitos políticos e não para servir o país.

E a solução do problema, a nosso ver, não é tam complicada e difficil como muita gente imagina. O que é preciso, e isso é o que tem faltado aos governantes, é boa vontade, decisão e energia para imporem uma lei que acabe com a legião de exploradores e de especuladores que procuram viver à custa alheia.

Nós bem sabemos que há senhorios que abusam recorrendo a todos os meios para obter o despejo das casas unicamente com o fim de elevarem a renda a somas exorbitantes.

Mas também sabemos que há inquilinos que pagam rendas ridiculas e recebem quantias importantes de parte das casas por elles sublocadas.

Ora é preciso que isto assim não continue. É preciso que uns e outros sejam metidos na ordem, para que não se locupletem à custa alheia, dispondo daquilo que, em bom direito, lhes não pertence.

Todo o prédio tem na matriz um valor colectável. Pois bem, que sobre esse valor assente a importância da renda. Desta forma, a nosso ver, se encontraria a fórmula equitativa que conciliasse os interesses daqueles que, infelizmente, se tratam como inimigos.

O Governo da Ditadura, que tem publicado uma obra e, sob muitos pontos de vista, digna de ser elogiada, prestaria um relevante serviço ao país se se decidisse dar-nos uma lei em que fossem reparadas as injustiças da actual e atendidas as justas reclamações de uma e outra parte.

É do nosso prezado colega «A União», de Vila do Conde, o belo artigo que acima publicamos e que merece a nossa absoluta concordância. Toda a imprensa portuguesa se tem manifestado pedindo a modificação da lei do inquilinato.

## A repressão do jôgo através dos tempos

Não vá supor-se que a repressão do jôgo seja uma medida policial relativamente moderna, na acepção que, em geral, costumamos dar a esta palavra. Não. Muito pelo contrário.

Data, pelo menos, do tempo de D. Afonso IV, que a História cognominou de «Bravo», e essa proibição, encontra-se, segundo informa Arnaldo Gama no seu excelente livro «A última dona de S. Nicolau», nas Ordenações Afonsinas, L.º V, tit. 41.

Foi pois, — e sobre este momentoso assunto parece não restar dúvida —, D. Afonso IV, o primeiro monarca português que proibiu as casas de jôgo, ou de tavolagem, que também se chamavam de garito, e assim gariteiros os seus proprietários.

Mas, aquele rei, não se limitou a proibir, unicamente, as tavolagens públicas, porque quiz levar mais longe a sua acção moralizadora, proibindo também as tavolagens particulares ou secretas.

Antes dêle, diz o referido escritor, as tavolagens eram publicamente toleradas e os seus donos pagavam por isso grossas somas ao rei, ou aos senhores das terras, onde elas estavam estabelecidas. Parece mesmo que o ter tavolagem era um direito senhorial, cujo uso se arrendava por determinada quantia, e nelas, eram os dados, o jôgo mais vulgar. Os tavolageiros, ou gariteiros, eram castigados «com a perda do dinheiro que jogavam; e se fossem pessoas abastadas pagavam cinco libras de cada vez que ali fossem achadas, e se as não quizessem pagar, estivessem na cadeia até o fazerem; e se fossem homens vis, que nada tivessem de seu pagassem por cada vez vinte soldos, não pagando os quaes estariam dez dias na cadeia, e ao fim d'elles, se ainda não pagassem a multa, levariam dez açoutes publicamente no concelho».

Depois, D. Fernando I, — o formoso e inconstante —, determinou que quem jogasse aos dados dinheiros seccos, — e adiante diremos o que estes eram —, «e fosse encontrado no jôgo, estivesse 15 dias na cadeia, e perdesse, para quem o prendesse, as roupas que trouxesse vestidas, as quaes não poderia remir a dinheiro, nem tornar a comprar-as lançando n'ellas na almoeda. A quem es-

tivesse a ver jogar impoz a pena de uma noite de cadeia, e o perdimento dos vestidos que trouxesse para quem o prendesse, os quaes poderia remir a dinheiro».

Mais tarde, D. João I — o de boa memória — ordenou que fôsse preso e perdesse as roupas aquele que fôsse encontrado a jogar «a dados, em publico nem em escondido, galinhas, nem frãgaõs, nem pattos, nem leitões, nem carneiros, nem cabritos, nem coelhos, nem perdizes, nem outras carnes algumas: outro sy nem lampreas, nem saavees, nem congros, nem outros pescados: nem outro sy trigo, nem cevada, nem milho, nem centeio, nem avelãs, nem alfeloa a descontar; nem outro sy nem joguem preços por penhores a vinho, nem agua, nem vinagre, nem sal, nem outra cousa alguma: salvo se for vinho para beber logo, e pagar, que nom passe conthia de vinte soldos».

Era isto o que se chamava dinheiros molhados.

Dinheiros seccos era, propriamente, o dinheiro em moeda.

E como estas leis proibitivas atacavam, directamente, os dados, o rei proibiu toda a espécie de jôgo, especialmente a torrelha, dados, femeas, a vaca, o jaldete, que ignoramos o que fôsem e mais os seguintes jogos:

Curre-curre — jôgo muito moderno naquela época. Era pouco mais ou menos o par ou nones. Consistia em adivinhar o número de objectos que cada um tinha fechado na mão.

«Curre-curre», dizia um. «Eu entro», respondia o parceiro, e dizia o número dos objectos que, em seu entender, estavam fechados na mão do outro. O curre-curre diferenciava-se do par ou nones, nas vozes e em dar maior campo ao alvitramento. Nele podiam entrar muitos números; no par ou nones apenas dois, par e pernao.

O butir. Espécie de fito ou porventura do jôgo da bola. Em todo o caso, jôgo, que consistia em acertar num alvo ou aproximar-se dêle o mais possível.

A porca. Espécie de malhão, do qual se diferenciava em se jogar com uma pedra, ou um pedaço de pau; ao passo que o malhão se jogava com uma bola.

Comparados com a extensão e com a vertigem dos jogos actuais,

## Maçonaria

Há dias passaram por esta cidade, em automovel que levava toda a gasolina, uns cavalheiros que lançaram ao publico panfletos pro-maçonaria, ameaçando todos aqueles que tiveram a sorte de não possuírem uma alma negra como a deles.

Estes livres-pensadeiros, que de livres nada tem estando bem amarrados às ordens da seita em que militam, não tiveram coragem de, a peito descoberto, arrostar com a responsabilidade do que escreveram.

Fugiam que nem o demo, seu patrono, os apanhava.

Maçons e avançados é tudo a mesma massa com idénticas aspirações e por isso se entendem e defendem mutuamente.

Subir, mandar, governar e governarem-se, embora para isso se empreguem todos os meios mesmo os mais vandálicos, são as contas porque ressam todos esses cavalheiros do livre-pensadeirismo.

Maçons e avançados entendem-se e tem os mesmos objectivos a alcançarem: uns por vaidade do mando, outros pela necessidade de melhor temperar o estomago e outros ainda por arranjam a forma de viver com menos trabalho.

era tudo quanto hoje se pode imaginar de mais simples e de mais honesto (sic). Todavia era jôgo, e isto bastava para que as autoridades o proibissem e o condenassem.

Devemos, entretanto, notar, que a moeda, daquelas épocas longinquas, não tinha sofrido a deflação actual, — antes pelo contrário —, e que os tavolageiros ou gariteiros de então, não jogavam, certamente, a padre-nosos.

6-IX-1927.

FERNÃO PELLOTE.

## Bombeiros

Ainda a propósito da festa dos nossos Voluntários, o *Jornal dos Bombeiros*, de Lisboa, publicou o retrato dos seus ilustres comandantes srs. Simão da Costa Guimarães e José de Pina e do desventurado Miguel José Peixoto, vítima do seu dever quando do incêndio em 13 de Julho de 1913, na rua Elias Garcia, inserindo bella colaboração muito elogiosa para a benemérita Corporação dos Bombeiros Voluntários de Guimarães.

## Aos lavradores

Da Comissão de Viticultura recebemos a seguinte nota oficiosa:

Tendo as Associações Agrícolas, e por seu turno esta Comissão, de indicar anualmente a fiscalização da Bolsa Agrícola como determina a lei, o grau alcoólico dos Vinhos Verdes da Região, informam-se os respectivos produtores de que não devem dar principio ás vindimas antes de 20 do corrente mez de Setembro, porque os vinhos feitos com uvas ainda verdes são impróprios para consumo, por falta de gradação alcoólica, excesso de acidez total, etc. etc.

As Associações Agrícolas, e bem assim esta Comissão, indicarão apenas a gradação alcoólica dos vinhos feitos com uvas maduras e os negociantes só poderão expôr á venda vinhos com gradação alcoólica não inferior á estipulada na lei.

Avise-se também que não é permitido, por lei, o uso da baga de sabugueiro e assucar.

Outro sim se faz saber que, nos termos do § 2.º do art.º 3.º do Decreto N.º 12.866, os produtores e compradores de vinho fabricado com uvas de castas americanas não o poderão transportar senão em vasilhame com os dizeres bem visíveis, a fogo ou tinta de óleo no tampo principal—VINHO DE UVAS AMERICANAS e só nas mesmas condições elle poderá ser exposto á venda em qualquer local.

Porto, 6 de Setembro de 1927.

*A Comissão Executiva da  
Comissão de Viticultura da  
Região dos Vinhos Verdes.*

## Colégio de S. José de Donim

(Educação de Meninas)

Situado num lugar agradável, entre as Taipas e a Póvoa de Lanhoso, este Colégio reabre em Outubro, recebe alunas internas para Instrução primária, Secundária e labores, por um preço módico. Este Colégio prima pela boa educação moral e religiosa que ministra ás suas alunas.

Pedidos á Directora do Colégio de Donim — Taipas. Nesta cidade informa a Casa Nun'Alvares.

# Dr. Luís de Pina

Não teem sido escassas as escolas superiores do país em dar-nos, devidamente *passados a ferro* com o diploma do curso final, alguns dos jovens académicos que cá da terra as paternidades lhe remetem na ansia legitima de próspera fortuna e elegante carreira.

Simplemente destes neófitos vindos dos domínios de Minerva, raros são aqueles que se enxertam na vinha do talento; pelo que, sem agravo mas com durissima verdade, se tem de concluir — ser mais a parra do que a uva!

Quando, pois, descubro dentre o bando de moços escolásticos algum patricio que se destaca pelo brilho real da sua intelligência e pelo fulgor entusiasta da sua mocidade; quando pressinto dentre os que veem dos estudos algum doutorado que regressa ao pátrio lar de fronte erguida, qual filho de Apolo, e a centelha do talento e da vontade a animar-lhe o olhar, ah! então, confesso, sinto vontade de o estreitar em meus braços e gritar-lhe comovidamente:

— Bemvindo! Bemvindo!

E porque é justo á mocidade «heróica e bela» ter ambições; e porque é legitimo que os seus representantes alcancem os seus róseos sonhos de glória sem para tal enfudarem o talento e dobrarem a espinha, aguardemo-los a esses candidatos do futuro no limiar da estrada, dirigindo-lhes palavras generosas de estímulo e de carinho — como quem saúda uma primavera rutila de esperanças, uma aurora esplendorosa de ideais!

... Quem chega?

O moço Luís de Pina.

Formado há pouco pela Escola Médica do Porto, eu tenho a honra de apresentar aos meus conterrâneos o nóvel «físico», certo que lhes apresento *alguém* que vale pela frescura do espirito e pelo timbre do carácter.

E, como todo o jovem que se presa, aqui revelarei que o nosso conterrâneo — também faz versos.

Baptisou Luís de Pina a sua primícia literária com o sugestivo, o exacto título de «*Sol Nascente*». Feito o ensaio, com um prefácio do dr. Eduardo de Almeida, outra vez Luís de Pina mordeu o pomo apetecido da publicidade com um novo livro a que chamou «*Alecrim de Festa*».

Pois, senhores: são versos que se leem sem fastio. Soam bem ao ouvido, teem lirismo, perfume, estro poético.

Para amostra, leiam a encantadora poesia publicada no último número da revista «*Gil Vicente*» — «*Cantiga do molinho que tem cem anos*».

... Assim se prova, mais uma vez, que «não fazem mal as musas aos doutores».

Mas Luís de Pina, preocupado embora com a sebeta escolar, ainda como estudante nos deu outros dous trabalhos de justo apêço: «*O Românico no Concelho de Guimarães*», — uma monografia histórica sobre a igreja de Pinheiro —, e «*Os Santos Curandeiros*», — um capitulo dum estudo em pre-

paração sobre a medicina popular, segundo a tradição de Guimarães.

Como por esta amostra se deixa ver, o dr. Luís de Pina não é, e prova que não quer ser, simples «bacharel formado como toda a gente».

Feito médico... por índole inclinada a perscrutar corpos e alfarábios, elle saberá simultaneamente prestigiar a nobre arte de curar doentes, como já vem honrando a a seára gloriosa das letras pátrias. Quero todavia salientar aqui desde já a preferência que elle vem dando aos temas da nossa terra, facto este que mais faz avultar a minha simpatia por Luís de Pina e o tornar crédor da gratidão de todos os vimezanenses.

Demais, o nóvel discípulo de Esculápio, não obstante fazer a sua residência na «Invicta», não cristalizará, estou certo, num amor platónico por esta terra; garante esta afirmativa e esta confiança o facto de aqui haver brotado o veio originário da sua ascendência artistica — que a tem bem manifesta — e, vá lá com discreção, porque foi também entre nós que brotou aquelle forte amor que o prendeu e o levou no dia de ontem ao arco da igreja, dando o braço a uma distinta dama portuense: Senhora a quem respeitosa e felicito e peço que seja um pouco pela nossa terra, para que um filamento mais viúque ao solo de Guimarães os méritos artisticos e literários do dr. Luís de Pina.

E, formulado este apêlo... que a felicidade os cubra e torne risinho o seu lar!

A. L. DE CARVALHO.

**Remington** A rainha das máquinas de escrever.

Caixa Geral de Depósitos

## Casa de Crédito Popular

Agência n.º 69 — Guimarães

LARGO 1.º DE MAIO

Empréstimos sobre penhores

Obra de assistência ás classes necessitadas

JURO: Sobre ouro, prata, pedras preciosas e títulos da dívida pública, 1 por cento ao mês, \$10 centavos por cada 10\$00 ou 1 escudo por cada 100\$00. Sobre roupas ou outros objectos, 2 por cento ao mês, \$20 cent. por cada 10\$00 ou 2 escudos por cada 100\$00.

Aberta das 10 horas ás 18, excepto aos sabados, que fecha ás 20 horas.

## A Penha

A Penha precisa dum templo aonde a Divina Eucaristia seja adorada pelos fieis e aonde se possam celebrar os officios divinos. Todos o dizem e reconhecem esta falta, mas ninguém deita mãos á obra.

Alguém lembra a ideia da transferência da igreja de Santa Lúcia para a Penha o que com pouco dispêndio se obteria. O alvitre não é mau e será, talvez, de fácil execução. Mas quem trata do assunto? Esse alguém que lance mãos á obra que não lhe faltarão aplausos.

Conseguido o templo o restante irá também, logo que apareçam boas vontades.

A Penha já muito tem progredido e mais progrediria se apparecesse um grupo de homens de iniciativa e a quem não faltasse a energia para romper com as dificuldades que, por vezes, apparecem. Avante, pois, pelos progressos da Penha!

## Quarto

Modestamente mobilado, aluga-se para pessoa só.

Falar na rua Dr. Bento Cardoso, n.º 41.

## ANÚNCIO

Vende-se um casco usado e quem o pretender pode entender-se com o P.º Alfredo Correia.

## Automovel

Vende-se em estado de novo. Ver e tratar Garage Vimezanense, rua de Gil Vicente—Guimarães.

## Literatura

## Prémio e castigo

Duas notícias singelas que recortamos da mesma revista francesa que as dá na mesma página, uma a seguir à outra:

O prémio: O grupo loreno da Sociedade protectora dos animais outorgou uma medalha de prata a M. Henry, professor director da escola dos rapazes de Candonne, pela sua dedicação à causa do bem-estar dos animais.

O castigo: O tribunal de Marlybonne condenou a quatorze dias de cadeia uma mulher por maus tratos inflingidos ao seu cão, incluindo-se nesses maus tratos o havê-lo atirado à rua da janela da sua casa, situada em segundo andar.

São dois casos de sómos importância, na opinião dos nossos fazedores de jornais e por isso, cá, ninguém se incomodaria a torná-los do domínio público.

Perde com semelhante critério a «boa causa», que é grandemente servida pela divulgação de tudo—grande e pequeno—que se preste para afirmar a necessidade de zelar pelos bons princípios, a cujo número pertence o de premiar os bons e o de castigar os maus, á falta de ensino para fazer d'elas creaturas ainda melhores que os outros.

De um modo geral pode afirmar-se que os «grandes» jornais portugueses não querem ideias e menos ainda sentimentos.

O que lhes agrada são os factos, e quanto mais emocionantes, melhor.

Haja vista como o crime é explorado por eles, em benefício tão sómente dos seus cofres fortes!

A. M. A.

## Imprensa

**Por Portugal** — E' titulo suggestivo de uma revista mensal de arte, literatura e propaganda, que no Porto começou a sua publicação.

A' nova publicação deseja o «Ecos de Guimarães», desafogada e longa vida.

**O Covilhãense** — Recebemos a visita d'este nosso colega que se publica na Covilhã e que é dirigido pelo sr. Vicente Arrar Elias da Costa.

Os nossos cumprimentos, com os desejos de longa vida.

**O Marido** — (ou o Veneno do Ciúme) — Continua com a maior regularidade a distribuição de tomos d'este interessante romance illustrado de Emile Richebourg, versão portuguesa da acreditada casa editora Belem & C.ª, Suc.ª, Calçada do Combro, 20-2.º, Lisboa, para onde devem ser feitos os pedidos de assinaturas.

## MÃE

A minha santa Vêlhinha e a todas as Vêlhinhas santas da minha Terra

Que linda Ela é, tendo ao colo  
o Filho, tam pequenino  
que lembra até, salvo seja,  
no claro altar de uma igreja  
que em minha lembrança mora  
a Virgem Nossa Senhora  
nos braços com o Menino!

Almas gentis, contemplai-A  
ao seio o filho estreitado!  
Que intenso Amor não revela!  
— Virgens aprendei com ella! —  
Do mundo, nem todo o ouro  
comprara aquelle tesouro  
tam inefavel, tam brando!

Seus olhos vêde, e seus lábios  
tremem de castos desejos:  
o doce amor, innocente  
que tam no íntimo sente  
torna-lhe a vida mais calma:  
— E' a alma da sua alma!  
E a santa cobre-a com beijos!

(Dum livro inédito).

Que orgulho a Mãe vos não mostra  
em ter Seu Filhinho ao colo  
sorrindo loiro e tam lindo,  
botão de rosa entre-abrindo...  
A santa, a doce Mulher  
na vida não pode ter  
mais adorável consolo!

Quadro não o há mais belo  
mais terno e encantador  
do que este, que aos olhos meus  
lêm toda a graça dos céus  
tôda a piedade e ternura  
tôda a paz, tôda a ventura  
tôda a grandeza do Amor!

Tam lindo a Mãe tendo ao colo  
o Filho assim pequenino  
que lembra até, salvo seja,  
no claro altar de uma igreja  
que em minha lembrança mora  
a Virgem nossa Senhora  
nos braços tendo o menino!

ARNALDO BEZERRA.

## PÁGINAS SELECTAS

## PEQUENAS CONFISSÕES

Como rosa a que pozessem azas ou avezita que pilhou a porta da gaiola aberta, a pequena corre, estrada fora, a buscar o remédio para a mãe, que está doente. Leva os olhinhos vermelhos. Chorou muito ao pé da cama, onde a pobre mãe sofre tanto! Ela, porém, disse-lhe: «Eu não te morro, filhinha. O remédio que vais buscar dar-me-há logo saúde.» Oh! como ella irá depressa para que sua mãe lhe não morra! Leva os olhinhos vermelhos e corre, corre pela estrada como rosa a que pozessem azas. No caminho dá um suspiro—ai! Como os passaritos cantam cá fora e as borboletas brancas se beijam! Como o dia está bonito, tépido, florido, e o remédio que vai buscar dará logo saúde a sua mãe! A aragem afaga-lhe o cabelo, e, como avezita que pilhou a porta da gaiola aberta, corre, corre estrada fora.

Lá diante encontra um amigo que, de saca na mão, vai a choramigar, para a aula.

—Olé, diz ella.

—Olá, diz elle.

E contam as suas máguas. Ella tem a mãe doente, — coitadinha! vai pelo remédio à aldeia. Elle vai para a escola, onde o mestre, o Côxo (ella conhece), o que tem óculos azuis, dá palmatoadas e berra. E dizem:

—Oh! que tristeza é a vida!

E por entre os dois infelizes passa uma borboleta iriada, espanejando as azas.—Eh! lh! que linda! Elle toma o chapéu, atira para o chão os livros, e zás trás, corre, salta —apanha, apanha. Ella pausa a garrafa, tira o lenço—pilha, pilha. E lá vão os dois, bosque dentro, donde sai tôda a manhã um alegre trinar de gargalhadas... porque só tarde se lembraram da mãe que espera o remédio e do Côxo, de óculos azuis, que dá palmatoadas e berra.

GUILHERME GAMA.

## Literatura

## O Acantho e a Noiva

Ao Dr. João da Mota Prego.

Duma vez, ha muitos anos já, — tantos que é impossivel contá-los —, finou-se em Coryntho uma noiva gentil, prendada e linda, — como todas as noivas! —, e a ama que a creara e lhe queria como filha, meteu num cesto, largo e fundo como a sua paixão, os objectos de que ella mais gostava, collocando-o junto do túmulo da infeliz creança, sobre o pé, robusto e firme, dum acantho, que amplo e pesado testo protegia.

Passou tempo; a Primavera surgiu — enfim! —, alegre e cantante, risonha, airosa e perfumada; e, então, o acantho rebentou, alteou-se, cresceu; e revivendo, forte e vigoroso, para a formosura, para a beleza e para o amor, bracejou, distendeu-se, envolveu e revestiu o cesto, com as suas grandes folhas, com as suas niveas, caprichosas e bilabiadas flores!

Como o testo não o deixava erguer-se, a planta debruçou-se; curvou-se, numa caricia, ou num beijo; pendeu chorosa sobre o pequenino túmulo, — que as flores perfumavam e o orvalho, como as lágrimas humedecia; e succedendo passar por acaso, junto d'ella, um architecto grego chamado Colimaco, segundo diz a história, — a história dos acanthos e das noivas! —, reparou então no seu alto, donairoso e elegante recorte, resolvendo desde logo acrestar à coluna corynthia o novo ornamento, que ainda hoje em architectura, — e já lá vão tantos anos que é impossivel contá-los! —, se chama *acantho*!

12-IX-927.

PAIO ANNES.

## "Ecos de Guimarães,"

Tiragem - 2.000 - exemplares

— O jornal mais lido desta cidade —

que se taava entre a minha consciência e o meu coração!...

Mas a'í não, não me atreverei jamais; não seja eu quem mostre a infeliz coragem de destruir no seio duma mãe que expira aquella consolação única por que logra morrer em paz... Sobretudo, não me resolverei nunca a desencadear a lucta na alma de André, collocando-o entre o affecto que lhe mereço e o dever de cumprir seu juramento... Nestes acontecimentos angustiantes de minhas esperanças não devo illudir ver a mão de Deus que me fere? Não é a evidência de sua vontade o patentear-me que só a elle devo pertencer?

Importa pois que eu me submeta. E apesar das minhas repugnâncias, da revolta violenta de meu coração, eu volto a repetir e repetir sempre: *Flot, flot!*

Dezembro — 11

Tão forte se conserva a lacta em minha alma, que muitas receio fique Deus vencido.

Esta manhã veio André trazer-me uma mensagem de Joana, que havia passado a noite em casa da sr.ª de Kéradeck. Há mais de oito dias que o não via; ao sentir-me em sua presença parecia saltar-me o coração fora do seio. Uma alegria louca me dominou de ir-lhe depressa ao encontro, tomar-lhe as mãos e clamar-lhe: Ai amo-vos; eu amo-vos! Que esforço para ter-me calma e dizer — e simplesmente:

bios. Felizmente, ninguém se lembrou de inquirir da minha opinião.

— E' manifesto, replicou Eduardo, o cavalheirismo do caracter de André, que não liga ao dinheiro senão uma importância secundaria. Não há muito me falou de Lúcia em frases tam lisonjeiras, que as claras indica o muito que a aprecia Unidas a este sentimento de vivo interesse as extremas recomendações duma mãe no leito da morte, que induzem a prometer solenemente o velar pela filha, sem a abandonar jámais, razão há para vermos conspirarem-se a piedade, a honra, a generosidade... o amor talvez, para enlaçarem para sempre os destinos de André e Lúcia.

— Saffa! querido amigo. Tendes condão de feiticeiro, disse meu pae. Aposto que as coisas se têm de realizar consoante o vosso programma.

— O! sr., eu não pretendo vangloriar-me do meu talento adivinhador. Confesso que quando digo me foi sugerido por uma visita à sr.ª de Kéradeck há coisa de um mês, se não erro, na véspera ou ante-véspera da chegada de v. ex.ª a Pau. Lúcia, naquella occasião, achava-se ausente; André, junto do leito da enferma, após ter-me apertado a mão, reatou o fio da conversa, interrompido á minha chegada. A paciente, pela centésima vez, instava com o dr. para que fosse o protector de sua filha, e isto em termos tam acenhuados, com tam singular ternura de voz, tanta súplica nos olhares, que a cada instante mais parecia dizer-lhe: «Conjuro-o a que se não limite a tutelar a minha filha... ah! seja o esposo d'ella.» Certo, não

## CARTEIRA

## Aniversários

Durante a semana fazem anos as Ex.<sup>mas</sup> Senhoras e cavalheiros:

Segunda, 19—Conde de Paço de Vitorino e Dr. Adélina Costa.  
Terça, 30—D. Augusta de Freitas Costa, D. Olímpia de Freitas e José Teixeira dos Santos.  
Quarta, 21—Sebastião Teixeira do Carvalho.  
Quinta, 22—D. Julieta Fernandes de Freitas Barbosa de Oliveira e João Saraiva de Carvalho Brandão.  
Sexta, 23—Visconde do Paço de Nespeira e João Pereira Mendes.  
Sabado, 24—Alvaro Ribeiro de Faria.

## Dr. Agostinho de Campos

Esteve no domingo último nesta cidade o sr. Dr. Agostinho de Campos, ilustre publicista.

## Dr. Alfredo de Magalhães

Também no domingo transactou esteve entre nós o sr. Dr. Alfredo de Magalhães, ilustre Ministro da Instrução.

## Pedro Muralha

Esteve há dias nesta cidade, tendo-nos dado a honra da sua visita, o sr. Pedro Muralha, distinto jornalista e publicista da capital.

Sua Ex.<sup>a</sup> visitou os principais monumentos e obras de arte desta terra.  
Os nossos cumprimentos com os desejos de feliz viagem.

## Armando Boaventura

Em Vila do Conde tem estado o nosso prezado amigo sr. Armando Boaventura, distinto redactor do importante diário da capital «A Voz».

## Doente

Está enfermo o sr. Augusto da Cunha Guimarães, filho do sr. Augusto Inácio da Cunha Guimarães.

## Chegadas e partidas

Com a Ex.<sup>ma</sup> esposa regressou de Espinho, segundo para a Quinta da Boucinha, em Saude, o Sr. Dr. João Rocha dos Santos, distinto causidico nesta cidade.  
— Com a Ex.<sup>ma</sup> família encontra-se em Vila do Conde o Sr. Luis Cardoso de Menezes Margaride.

— A passar uma temporada encontra-se na sua quinta de Santa Eulália de Fermentões com sua filha e netos a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria do Nascimento Teixeira de Carvalho.



## ... Avisamos

Que na Procuradoria do Dr. João de Oliveira Bastos & Gomes Alves, do Tournal, se fazem os requerimentos para licenciamto legal dos estabelecimentos incómodos, perigosos e insalubres, compreendidos na Tabela II do Decr. n.º 2364.

Esses estabelecimentos são entre outros os seguintes:

Mercearias, drograrias, hospedarias, restaurantes, cafés e tabernas, fábricas e oficinas, estabelecimentos de qualquer espécie, armazens e os demais incluídos no Edital da Câmara.

Os interessados podem dirigir-se áquela Procuradoria, em todos os dias úteis, das 10 às 12 horas e das 14 às 16.

**Vinhos novos** — A Delegação da Bolsa Agrícola fez constar o seguinte:

Previne-se o comércio em geral que é proibido expôr à venda vinhos novos, enquanto não se encontrarem completamente clarificados.

O vinho encontrado fora destas condições será apreendido e o transgressor pagará a multa correspondente.

— Regressou da Póvoa com sua gentil neta a sr.<sup>a</sup> D. Rosa do Carmo Dias, habil parteira desta cidade

— Com a Ex.<sup>ma</sup> família encontra-se nas suas propriedades, em Basto, o Sr. Luiz Gonçalves Bastos.

— Regressou da Póvoa de Varzim, com suas estimadas filhas, a sr.<sup>a</sup> D. Branca Dias Machado.

— De Felgueiras recolheu à sua casa desta cidade o sr. Eugénio da Costa Vaz Vieira e sua ex.<sup>ma</sup> esposa.

— Tem estado entre nós o sr. Conselheiro José da Mota Prego.

— Também está nesta cidade o sr. P.<sup>o</sup> Carlos Ribeiro.

— Esteve no Vidago o Rev.<sup>o</sup> José Ferreira Leite.

— Parte por estes dias para o seu Regimento na Covilhã, o sr. Tenente Alberto Carvalho de Melo.

— Parte em breve para S. Paulo-Brazol, o nosso bom amigo sr. Adélino Machado Leite.

Feliz viagem e muitas venturas.

Parte por estes dias para o Estrangeiro, onde vai demorar-se 3 mezes em Paris-Lourdes e outras cidades, o sr. Alberto da Silva Caldas e ex.<sup>ma</sup> esposa.

— Os contribuintes sujeitos ao imposto de transacção por meio de livro, que ainda não foram à Repartição de Finanças, a fim de pagarem o referido imposto, respeitante aos meses de janeiro a junho do corrente ano, devem fazê-lo imediatamente, sob pena de relaxe.

## Escola Industrial e Comercial de «Francisco de Holanda»

Em GUIMARÃES

## EDITAL

**Mário de Souza Menezes, professor e secretário da Escola Industrial e Comercial de «Francisco de Holanda», em Guimarães:**

Para conhecimento dos interessados faço público que, desde 1 a 20 de Setembro, está aberta a matrícula para a frequência desta Escola no ano lectivo próximo. As disciplinas professadas são:

## Curso Industrial

- Língua Pátria.
- Língua Francesa.
- Aritmética e Geometria.
- Princípios de Física e Química e Noções de Tecnologia.
- Desenho Geral.
- Desenho Ornamental e Modelação.
- Desenho Mecânico e de Construção.
- Química Industrial.
- Trabalhos de labores femininos e Oficinas de Fiação e Tecelagem.

## Curso Comercial (em 4 anos)

- Língua Pátria.
- Língua Francesa.
- Língua Inglesa.
- Aritmética Comercial e Geometria Elemental.
- Direito Comercial e Economia Política.
- Geografia Comercial, Vias de Comunicação e Transportes e História Pátria e Geral.

## NOTICIÁRIO

## Caixa G. de Depósitos

Abriu ao público na passada segunda-feira a Casa de Crédito Popular que fica funcionando no 1.º andar da agência da Caixa Geral.

A abertura assistiu o digno director de serviço da Casa de Crédito Popular do Porto, sr. Capela.

## D. Lucinda Silva

Faleceu há dias a sr.<sup>a</sup> D. Lucinda Maria da Silva, irmã dos srs. P.<sup>o</sup> José Maria da Silva, P.<sup>o</sup> Anselmo da C. Silva, dr. Silvério Silva e Adolfo Silva.

Os seus funerais foram muito concorridos tendo-se feito representar além do clero dêste concelho, o Licen de M. Sarmiento e a Escola Académica.

A família da saúdosa extinta apresenta o «Ecos de Guimarães» sentidas condolências.

## De luto

Encontra-se de luto o sr. Constantino Teixeira Santualha, digno sócio da importante casa Bento dos Santos Costa & C.<sup>a</sup>, Limit.<sup>a</sup>, desta cidade, pelo falecimento há dias ocorrido na Póvoa de Varzim, onde se encontrava a passar uma temporada, de sua saúdosa mãe, que tinha a sua residência em Vila Real.

Ao sr. Santualha e a tôda a família apresentamos sentido pêsames.

- Noções Gerais de Comércio e Escrituração e Contabilidade Comercial.
- Elementos de Física e Química e Noções de Tecnologia e Mercadorias.
- Trabalhos Práticos de Calligrafia, Estenografia e Dactilografia.

Os candidatos habilitados com qualquer dos anos do curso das extintas Escolas Primárias Superiores ou dos Liceus, podem matricular-se no 2.º ano do Curso Comercial.

Das 12 às 15 e das 19,30 às 21,30 horas, na secretaria da Escola, no edifício do Campo do Proposto, prestam-se em todos os dias úteis, quaisquer esclarecimentos que os interessados desejem, mesmo sobre as vantagens e regalias que têm os indivíduos diplomados com qualquer dos cursos.

Guimarães e Secretaria da Escola de «Francisco de Holanda», 30 de Agosto de 1927.

O Secretário,

Mário de Souza Menezes.

**NOTA:** Há uma segunda época de exames de admissão que devem ser requeridos de 1 a 15 de Setembro.

lhe pronunciou tais palavras: mas quanto se lia no coração e nos lábios da moribunda, se traduzia nelas, e impossível é que André as não adivinhasse e, posso quasi dizer, as não ouvisse tam distintamente como eu.

«Saímos juntos da companhia da sr.<sup>a</sup> de Kéradeck, e no percurso até minha casa, fui curioso em prescrutar o sentir de André relativamente a Lúcia de Kéradeck. Estou convicto que não vive apaixonado por ela; mas um affecto grande, intenso, quasi paternal, esse consagra-lhe ele certissimamente. Demais, a idade dêle é talvez o dôbro da de Lúcia; não é assim? Simpatia, pois, com ela pela juvenildade; por seus infortúnios; por suas virtudes; pela perspectiva duma boa obra a cumprir; pelo secreto desejo duma pobre mãe desfalecente, desejo sagrado por certo no entender de André; pelo affecto que porventura haja inspirado a Lúcia: tudo isto dá motivo as ás para que aguardemos umas núpcias. Desde aquelle dia a minha opinião assente é esta; e por algumas palavras ouvidas à sr.<sup>a</sup> de Kéradeck, não me surpreende que se ache ligado já por alguma promessa importante.»

O Deus! meu Deus!... Sim, estas expressões as pronunciou Eduardo Alton, e em vão trato de persuadir-me que êle se acha enganado. Af! presinto, estou certa que êle diz a verdade. Horrivel tortura! Como foi André dar sua palavra a outra, quando é a mim, sim a mim que êle ama? porque êle, é certo, não é a Lúcia que ama, mas a mim, oh! a mim!... —Porem, na convicção que eu me tornasse religiosa, ficava-lhe a liberdade de dispôr de seu futuro... De-

mais, o desespero, as solicitações duma mãe à borda da sepultura confando-lhe sua filha, esta mesma filha só no mundo e em lucta com a indignação, a compaixão inspirada por esta donzela, tudo haveria influido nêle, coração sobremodo generoso, a tomar o compromisso de esposar Lúcia... Embora há um mês me visse inesperadamente em Pau, e há pouco a irmã lhe dissesse não era meu designio entrar em Religião, tudo isso era tarde!... Daí essa attitude fria e constrangida para comigo, um sofrimento terrivelmente despedaçador!... Quanto me fôra melhor não ter vivido jámais aqui, não haver reanimado minhas esperanças, não engendrar um futuro de venturas e de amor!... Tudo caiu em ruínas para mim; quedou-me de vez meu pobre coração.

Dezembro—8

E' tarde? Realmente será em demasia tarde? Não haverá tempo para que André retire a palavra dada sem dúvida à sr.<sup>a</sup> de Kéradeck e me ceda outra vez seu coração?... Que há a impedir-me o ir ter com êle, declarar-lhe quanto o amo, manifestar-lhe como sacrificarei a minha vida para ver resgatada a dêle, mas que exijo agora a felicidade a que tenho direito, que o quero a todo o custo, e hei de disputá-lo, com todas as forças, a essa donzela que actualmente mo arrebatou? Ah! é duro, muito duro o combate